

Fantasma da falta d'água assusta Brasília

CLÁUDIO TOURINHO

Quando completar 30 anos no próximo mês de abril, Brasília terá uma população quatro vezes superior à estimada para o ano 2000, na época de sua criação. Regulada por dois períodos anuais — o das chuvas e o da seca — a cidade se adapta como pode aos seus recursos hídricos que, por sua vez, também variam a capacidade de água disponível à população. Como conviver com este abastecimento irregular diante de um crescimento populacional acelerado que pode triplicar o número de habitantes do DF na virada do século?

Esta pergunta, os técnicos da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb) tentam responder até o final do próximo mês, quando pretendem divulgar o seu Plano Diretor de Água e Esgotos, um programa de atividades a serem feitas pelo órgão para realisar satisfatoriamente o abastecimento até o ano 2015. "Temos que decidir agora o que devemos fazer, sob o risco de termos falta de água daqui a quatro, cinco anos", analisa o diretor da Caesb, Ulisses Assad.

Assad trabalha com uma projeção da Codeplan de que o DF terá uma população de 3,6 milhões de habitantes do ano 2015 (o Sindicato dos Arquitetos de Brasília prevê que esta estimativa estará superada em meados dos anos 90). Ele garante, que com a complementação da segunda adutora da barragem do Descoberto, no começo do próximo ano, a população será satisfatoriamente atendida até "pelo menos 1995". A partir daí, já deverá estar em funcionamento o novo sistema de abastecimento de água ou, então, teremos racionamento.

Para resolver o problema de abastecimento até 2015, com a população de 3,6 milhões de habitantes, a Caesb precisa captar seis mil e 500 litros por segundo a mais do que a produção atual, que é de aproximadamente cinco mil litros por segundo. A solução é dotar imediatamente uma das opções de recursos hídricos existentes no DF e em Goiás, para que a produção já seja satisfatória em 1995, data em que a ca-

pacidade do atual sistema deve se esgotar.

ASSENTAMENTOS

Mas enquanto a barragem do Descoberto não entra com sua capacidade total — hoje ela fornece dois mil 350 litros por segundo e terá sua produção duplicada no próximo ano — a Caesb tenta solucionar problemas setoriais, principalmente nos novos assentamentos, para que Brasília passe o ano de 1990 sem racionamento.

"Tivemos um ano excepcional em termos de captação de água e nossos reservatórios estão cheios", informa Assad. "Mas nós pedimos a colaboração da população para poupar água a partir de abril, a fim de que não seja necessário um racionamento". A Caesb prepara um estudo de recuperação tarifária, o que é, para o presidente do órgão, mais um motivo para reduzir o consumo doméstico de água.

Apesar de não ver os assentamentos como fator de atração de novas populações, Ulisses Assad pretende revisar o sistema de abastecimento dessas comunidades, tornando-as praticamente independentes.

Em Samambaia, por exemplo, hoje atendida gratuitamente através de adutora do Descoberto, a Caesb deve construir seis poços artesianos, além de manter o "acionamento operacional" e de fechar o abastecimento durante a noite. Ocorre que muitos moradores fizeram ligações clandestinas nos encanamentos da Caesb e utilizam a água para limpar animais e veículos, o que faz com que o consumo seja acima do normal.

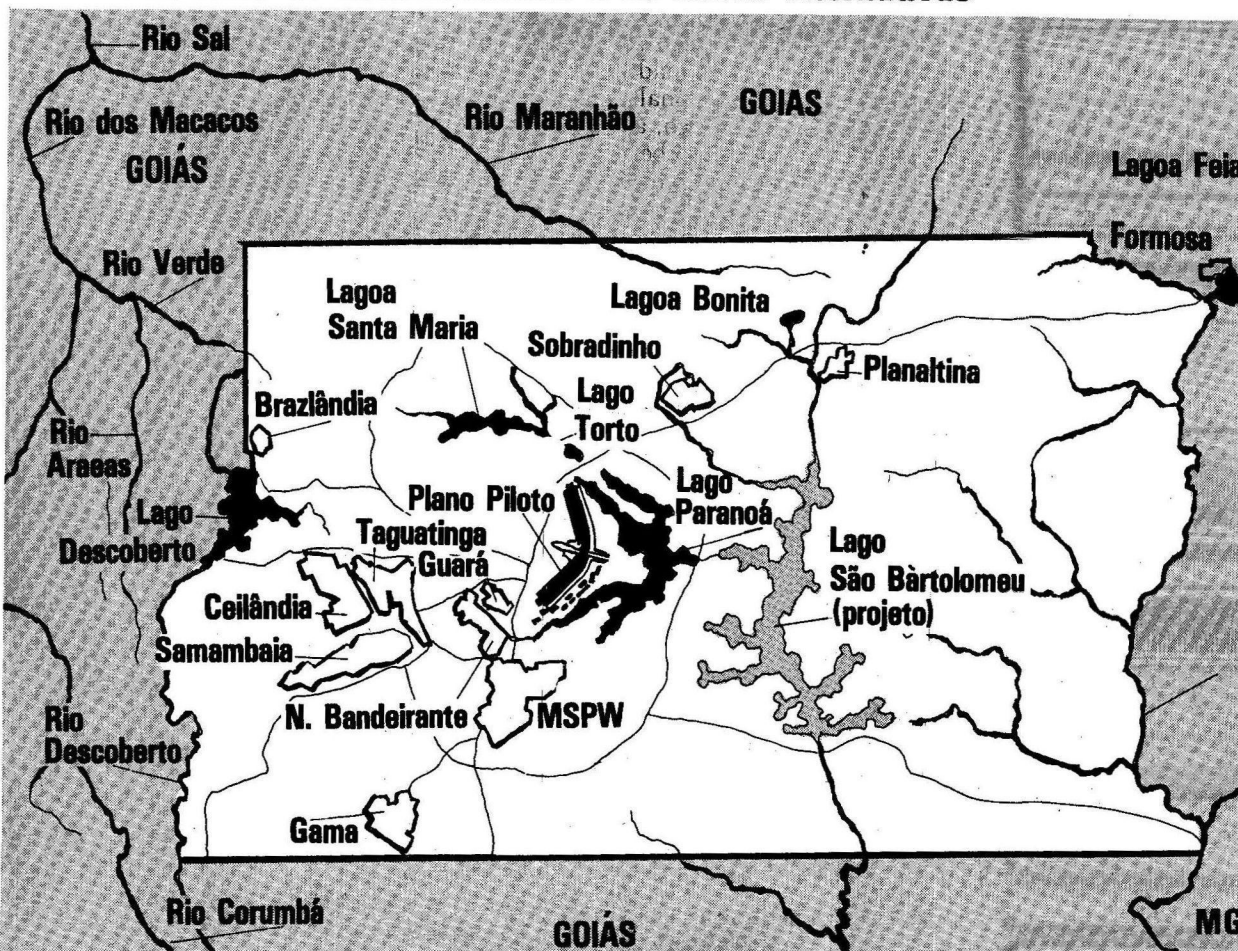
Na vila Paranoá deve entrar em funcionamento, em março, o novo sistema de captação do Córrego dos Goianos, que vai auxiliar o abastecimento do assentamento, hoje feito por meio de três poços artesianos. No assentamento de Sobradinho, existe um poço e a Caesb vai abrir outro. Planaltina também tem um poço que, por enquanto, dá para amenizar o consumo da rede. Em Brazlândia há dificuldade de se obter água através de poços artesianos.

acima e abaixo da barragem. A desvantagem do Corumbá: fica muito longe do centro de consumo e está totalmente fora do DF, o que dificulta uma fiscalização mais intensa de seu leito e afluentes.

Outra opção em Goiás seria a captação das águas do rio Areias. Segundo a Caesb, ele apresenta vazão média, não sendo suficiente para atender as necessidades do DF. Outro fator limitante é que o Areias não abre possibilidade de ampliação de sua produção além do ano 2015.

A Caesb conta ainda com mais três rios de pequeno leito e vazão limitada: os rios do Sal, Macaco e Verde. Eles seriam utilizados apenas em combinação com outras alternativas como o rio São Bartolomeu. Seriam barragens complementares.

O atual sistema de abastecimento e as novas alternativas



Caesb tem oito para o problema

Com o esgotamento do sistema de abastecimento de água de Brasília, hoje composto basicamente pelos lagos de Descoberto e Torto e pela lagoa de Santa Maria, além de pequenas captações, é inevitável a opção por uma solução alternativa, capaz, pelo menos de atender a uma população de 3,6 milhões de habitantes. Das oito opções estudadas até o momento pela Caesb, apenas três estão nos limites do DF. As demais, algumas consideradas as mais viáveis, estão no Estado de Goiás, sendo necessário um convênio para trazer água até Brasília.

A mais antiga alternativa da Caesb é a captação de água no rio São Bartolomeu. A grande vantagem consiste em que a região é uma Área de Proteção Ambiental (APA), sendo o uso do solo totalmente controlado por lei. Isto, teoricamente, evitaria a utilização das margens do lago para agricultura e pecuária, que poluem com agrotóxicos os mananciais. Teoricamente apenas, pois no lago do Descoberto, que também é uma APA, o uso inapropriado do terreno é constante.

Outra grande vantagem seria a alternativa mais próxima do centro de consumo, reduzindo-se os custos para levar a água até a população. Mas a grande desvantagem — o rio é um ponto de confluência de todo o esgoto do Plano Piloto (lago Paranoá), Sobradinho (rio Sobradinho) e Planaltina (ribeirão Mestre D'Armas). "Isto significa, literalmente, que a população irá utilizar água reciclada de esgotos domésticos para abastecimento", diz um estudo da Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), de 1987.

Mesmo sendo confluência de

esgotos, o São Bartolomeu poderia ser utilizado, por exemplo, sem receber água do lago Paranoá e alterando o curso do esgotamento de Sobradinho e Planaltina para outro rio. Ou então aplicando-se tecnologias para tratamento da água, o que iria encarecer o produto final.

DIVISAS

Duas outras opções, situadas nas divisas leste e norte com Goiás, seria o aproveitamento dos rios Preto e Maranhão, respectivamente. Mesmo sendo no DF, o rio Preto apresenta ainda a desvantagem de ser longe do consumo. Além disso, sua bacia está comprometida com agropecuá-

ria, o que praticamente inviabiliza sua utilização sob o risco de contaminação da água por agrotóxicos. Outra desvantagem: seu leito é uma das opções da Eletrobrás para construção de hidroelétrica.

O rio Maranhão apresenta como vantagem o fato de ter água de boa qualidade, o que ameniza o custo do tratamento. Mas possui elevada altura de recalque, que é a altura para levar a água da fonte para a estação de tratamento e consumo. Isto eleva o consumo de energia elétrica pois é necessária uma bomba mais potente para puxar a água. Uma desvantagem do sistema: a barragem deve ficar no Estado de Goiás (seu lago é que atingiria a divisa com o DF).

Arquiteto quer mais discussão da comunidade

Não há limites para a captação de água que abastecerá Brasília nas próximas décadas. Mas isto deve ser analisado politicamente, dentro de um programa real e democrático de repensar o DF, o que não vem acontecendo. Esta é a opinião do vice-presidente do Sindicato dos Arquitetos de Brasília, Frederico Flósculo Barreto, para quem a fragilidade dos projetos de expansão do DF vai acabar por "tragá-los num futuro próximo".

"É preciso que alguém mostre que o rei está nu, disse Frederico, numa alegoria ao conto infantil. "As decisões que estão sendo adotadas hoje são totalmente incompatíveis com o futuro, porque não estão sendo discutidas com a comunidade. Brasília cresce hoje de forma ditatorial", descarrega o sindicalista.

Uma "fragilidade" do projeto da Caesb, adverte Frederico, é a sua estimativa populacional para o ano 2015, quando prevê uma população de 3,6 milhões de habitantes. "Ela (a estimativa) vai ser frustrada no meio desta década", afirma, acreditando que Brasília terá mais de 6,5 milhões de habitantes no ano 2000. Se isto realmente ocorrer, o racionamento de água será inevitável, mesmo que uma das alternativas da Caesb de complementação do sistema de abastecimento esteja concluída.

CLANDESTINIDADE

"Nós não devemos temer a imigração, mas temos que condicioná-la a outros fatores, como por exemplo, ter trabalho para esta população perto de sua casa", afirma o sindicalista. "A política do governador Roriz mascara o descontrole através deste Centro de Apoio Social, que nada mais é do que a continuação do programa do José Aparecido de 'Retorno com dignidade'. Só que agora é 'Retorno na clandestinidade'".

Para Frederico a forma como ocorreu a expansão populacional do DF foi totalmente "desorganizada e impensada". Samambaia, por exemplo, estaria num terreno de solo muito inconsistente, sujeito a erosões se não forem adotados sistemas alternativos de abastecimento de água e esgotamento.

MENTALIDADE DE 2015

A questão da água, para o sindicalista, deve estar associada à decisão política sobre os assentamentos e está ligada a outros fatores como transporte, saúde, educação e trabalho. "Não há como pensar em assentamentos em Brasília nas formas tradicionais pois o nosso solo é frágil e os recursos de água mais barata são poucos. É preciso planejar a longo prazo, pensar na Brasília do ano 2050, com as alternativas típicas da região. É preciso pensar na Brasília de 2015, como quer a Caesb, mas com uma mentalidade de 2015".

Rio Corumbá supera expectativa

As opções de captação de água localizadas no Estado de Goiás, a mais atrativa é a do rio Corumbá (a sudoeste do DF). Segundo levantamentos da Caesb, não seria necessária a construção de uma barragem no rio para reter a água, o que já representa uma economia imediata. A captação a "fio d'água" (diretamente do rio) seria suficiente para abastecer o DF por mais um século pelo menos, pois o rio Corumbá tem volume para produzir cem mil litros por segundo (a Caesb precisa de apenas 7,5 mil litros por segundo para atender a população até o ano 2015).

Meio ambiente também seria muito beneficiado. Sem a represa, ele não seria praticamente alterado, tendo menos danos ambientais. O represamento muda o comportamento da fauna e flora